



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE VELHOS E JOVENS NO BAIRRO DOM BOSCO: MEMÓRIA, IDENTIDADE E CIDADANIA

Josimara DELGADO

Professora da UCSal – Universidade Católica do Salvador
josimaradelgado@gmail.com

Bruno FUSER

Professor da UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora
bruno.fuser@ufjf.edu.br

INTRODUÇÃO

Apresentamos e discutimos aqui a experiência de intervenção e pesquisa com velhos e jovens moradores de um bairro pobre de Juiz de Fora-MG, o Dom Bosco, desenvolvida durante os anos de 2009-2010 e baseada na produção cultural comunitária em torno de narrativas e memórias. O projeto, denominado "Comunicação, Memória e Ação Cultural", de forma geral, está centrado na produção cultural – entendida aqui de forma ampla, além das artes e do entretenimento – a partir de oficinas em que assume importância central a construção de histórias de vida dos velhos e as narrativas sobre a vida do bairro, com participação de integrantes de outras gerações. Em torno da coleta e produção dessas narrativas, como documentos sobre a história da coletividade, foram envolvidas outras instâncias do bairro, como escolas e organizações não governamentais, com participação, assim, de velhos, adultos e jovens na produção de vídeos, história das famílias, do próprio bairro, das perspectivas de futuro e análise de presente e passado das diversas gerações.

O envolvimento da população na coleta de informações e na elaboração de produtos audiovisuais, assim como a aproximação com entidades locais, pretende ao mesmo tempo realizar experiência de cidadania cultural e comunicativa e contribuir para a formação / fortalecimento de um movimento social em rede, que facilite a conquista de melhores condições de vida dos moradores do bairro Dom Bosco. Inicialmente realizado nos anos 2009 e 2010, o projeto obteve novo financiamento da FAPEMIG para o período 2010-2012, com o objetivo de difundir junto à comunidade e à cidade a produção cultural aí desenvolvida.

CULTURA, COMUNICAÇÃO E CIDADANIA

Para Marilena Chauí, cultura é "uma ordem simbólica que exprime o modo pelo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

qual homens determinados estabelecem relações determinadas com a natureza e entre si e o modo pelo qual interpretam e representam essas relações" (Chauí, em VALLE e QUEIROZ, 1979, p. 123). Em texto mais recente, Chauí destaca que, ao passar a significar o campo das formas simbólicas, “cultura passa a ser entendida como criação coletiva da linguagem, da religião, dos instrumentos de trabalho, das formas de habitação, vestuário e culinária, das manifestações do lazer, da música, da dança, da pintura e da escultura, dos valores e das regras de conduta, do sistema de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco e as relações de poder” (CHAUÍ, 2006, p. 131).

Chauí deixa claro como o conceito de hegemonia e de cultura são indissociáveis:

A hegemonia não é forma de controle sociopolítico nem de manipulação ou doutrinação, mas uma *direção geral* (política e cultural) da sociedade, um conjunto articulado de práticas, idéias, significações e valores (...) sentido experimentado como absoluto, único e irrefutável (...) hegemonia é sinônimo de cultura em sentido amplo e sobretudo de cultura em sociedade de classes (CHAUÍ, 2006, p. 22-23).

A filósofa propõe “mudar o foco da questão”:

(...) sabemos que o lugar da cultura dominante é bastante claro: é o lugar a partir do qual se legitima o exercício da exploração econômica, da dominação política e da exclusão social. Mas esse lugar também torna mais nítida a cultura popular como aquilo que é elaborado pelas classes populares (...) segundo o que se faz no pólo da dominação, ou seja, como repetição ou como contestação, dependendo das condições históricas e das formas de organização populares” (idem, p. 133-134).

Ela rejeita a possibilidade de que o campo da criação cultural possa ser definido pelo prisma do mercado,

não só porque este opera com o consumo, a moda e a consagração do consagrado, mas também porque reduz essa forma da cultura à condição de entretenimento e passatempo, avesso ao significado criador e crítico das obras culturais. (ibidem).

As pessoas comuns, que estão no pólo da subalternidade, normalmente não são identificadas como “artistas” na acepção mais comum da palavra, mas “também são produtoras de cultura, no sentido antropológico da palavra: são, por exemplo, sujeitos, agentes, autores da sua própria memória”. E, indaga a filósofa:

Por que não oferecer condições para que possam criar formas de registro e preservação da sua memória, da qual são sujeitos? Por que não oferecer condições teóricas e técnicas para que, conhecendo as várias modalidades de suportes da memória (documentos, escritos, fotografias, filmes, objetos etc.) possam preservar sua própria criação como *memória social*?(id., 137-138).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Chauí defende que o Estado conceba a cultura como um direito do cidadão e, assim, assegure o direito de acesso às obras culturais e o direito de criá-las, produzi-las, fruí-las, além de participar das decisões sobre políticas culturais.

Trata-se, pois, de uma política cultural definida pela idéia de *cidadania cultural*, em que a cultura não se reduz ao supérfluo, ao entretenimento, aos padrões de mercado, à oficialidade doutrinária (que é ideologia), mas se realiza como direito de todos os cidadãos (idem, p.138).

Maria Cristina Mata (2001) estabelece outra relação entre comunicação e cidadania, ao destacar, inicialmente, que a cidadania se refere às formas como os indivíduos são representados no espaço público e sua capacidade de se constituir como sujeito de demanda nos distintos âmbitos de sua experiência cotidiana: desde nacionalidade e gênero até questões relativas ao trabalho e à cultura (MATA, 2001, p.2). A representação que se faz e que fazemos de nós mesmos ocorre intermediada pela comunicação, que se constitui assim como parte mesma da cidadania na atualidade.

A cidadania comunicativa, continua Maria Cristina Mata, implica garantir direitos no campo específico da comunicação, transcende a dimensão jurídica e se refere à consciência prática, às possibilidades de ação (MATA, 2006, p. 13).

Muniz Sodré (1996) também analisa a relação entre democracia e cultura. Para ele, vivemos hoje em uma sociedade midiaticizada, com a aliança entre três fatores: comunicação, tecnologia e economia de mercado. Diz o pesquisador que esses fatores configuram uma tecnocultura, cultura da comunicação ou cultura mediatizada, "campo comunicacional enquanto instância de produção de bens simbólicos ou culturais", numa sociedade impregnada pelos "dispositivos maquínicos de estetização ou culturalização da realidade" (SODRÉ, 1996, p. 7).

O autor considera uma "ilusão supor que o poder dessa avançada esfera tecnológica esteja acima das diferenças reais de classe ou de apropriação da renda nacional". Também ele, como Marilena Chauí, a partir dessa constatação remete-se à questão da democracia. Democracia, "além da técnica universalista de governo, [é] prática de construção e reelaboração do sujeito social em sua cotidianidade", diz Sodré. "Tornar 'social' uma democracia equivale hoje a afetar todos os equipamentos da cultura por esse poder grupal das diferenças sociais implicado na experiência democrática" (SODRÉ, 1996, p. 84-85).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em outro texto Sodré discute a tecnocultura, na qual, de acordo com a análise do autor, se constroem normas de conduta individuais e próprias, porém, baseadas em um retorno positivo e afirmativo por intermédio da mídia e dos meios de comunicação – o reconhecimento narcísico no espelho.

Nesta atmosfera doutrinária e emocional, predomina um universalismo democratizante baseado em critérios de prazer ou de felicidade individual, que estimula o autocentrismo egóico, típico do individualismo moderno, e a reconfirmação da identidade pessoal pelos múltiplos “espelhos” (as telas, as vitrines, as imagens de consumo) armados pela tecnocultura. Uma “boa” ação individual tende a depender muito mais da repercussão midiática (portanto, o reconhecimento narcísico no espelho) do que de motivações solidaristas avaliáveis por princípios de comunidade (SODRÉ, 2002, p.75)

GERAÇÕES E CULTURA

Uma perspectiva central do projeto - de caráter interdisciplinar, com a coordenação de uma professora da área de Serviço Social e outro, de Comunicação - é pensar as relações sociais a partir do enfoque na noção de geração. Coloca-se assim, em pauta, o modo como uma sociedade organiza sua reprodução e a transmissão de heranças culturais. O ritmo acelerado das mudanças sociais, característico da contemporaneidade, reatualiza essa questão e lhe confere novas configurações. Um fenômeno central nesse sentido é dado pelas novas formas de relação entre as gerações, que se caracterizam pela convivência mais prolongada de grupos geracionais diferentes, tanto em espaços públicos como privados, bem como por mudanças nas estruturas e processos sócio-culturais que pautam essas relações, tais como as mudanças no mundo do trabalho e nos sistemas de proteção social, os processos de individualização das relações, a flexibilização dos comportamentos, inclusive das marcas que definem velhice e juventude, e a mediação do mercado mundial de produtos. Vivemos numa sociedade que, nesta dinâmica de mudanças, recoloca questões sobre quem tem o direito ao trabalho e ao descanso, quem deve cuidar e prover, enfim, questões diretamente ligadas a seus critérios de distribuição do direito entre as gerações, bem como aos papéis de jovens e velhos na vida social.

É esse o contexto de questões que temos como pano de fundo para o trabalho no bairro Dom Bosco. A opção por trabalhar com um grupo de idosos e de jovens a partir de suas diversas narrativas como expressões de seu universo cultural surge da percepção desses sujeitos como importantes interlocutores no desvendamento de nossa sociedade. Conhecer “a velhice” e “a juventude” no bairro Dom Bosco, registrando as narrativas e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

modos de vida de velhos e jovens, foi uma forma de tentarmos compreender esse contexto de questões a partir de um lugar social e simbólico específico: o lugar constituído por essas gerações marcadas pela pobreza e a precariedade expressas na exclusão territorial e reproduzida no curso das mudanças sociais. Os idosos dedicaram muitos anos de sua vida a um trabalho precário em termos da estabilidade e garantias, mas, ainda assim, conseguiram se aposentar, o que não significou o fim da vida ativa, pois hoje são chamados a cuidar e prover extensas redes de parentes, na medida em que se precariza a condição de seus descendentes. No interior das grandes mudanças da sociedade brasileira, essa condição torna-se cada vez mais distinta daquela vivenciada pelos jovens moradores do bairro. Com uma vida escolar marcada pela baixa qualidade e por interrupções, esses jovens encontram grandes dificuldades de se colocarem no mercado de trabalho, enfrentando, pois, o desemprego e a precarização, ou seja, a ausência de oportunidades de ingresso em postos de trabalho mais qualificados e com garantias. Mudanças no perfil demográfico da sociedade brasileira, no sentido do aumento do contingente de velhos e da longevidade, bem como transformações societárias e culturais, como o próprio crescimento do desemprego, o aumento da violência e mudanças nas representações e vivências em torno das idades tem contribuído para novas relações entre esses velhos e jovens, regidas por novas pautas.

Um dos objetivos centrais do nosso trabalho com esses grupos de idade é justamente reconstruir o lugar social desses personagens que, se hoje recebem alguma atenção pública, ainda são vistos sob óticas naturalizadoras de sua condição como velhos e jovens: se o velho é visto como alguém que “naturalmente” representa as posturas do passado, às vezes idealizadas como uma visão saudosista, às vezes associadas ao atraso, principalmente do ponto de vista político, o jovem é tomado como esperança de futuro ou como risco e ameaça. Reconstruir a complexidade desses personagens como sujeitos contemporâneos, capazes de elaborar simbolicamente sua condição, é um dos nossos objetivos.

O TERRITÓRIO DO BAIRRO: EXCLUSÃO E SOCIABILIDADE

Os bairros das periferias urbanas brasileiras historicamente constituíram-se como território de sobrevivência da população pobre, espaço fundamental na reprodução da classe trabalhadora. No bairro Dom Bosco, essa realidade se faz presente



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de modo particular. A história do bairro é marcada pela presença massiva de uma população negra, excluída do mercado formal de trabalho, desde a sua formação, com o surto industrial do início do século, ou nele inserida de forma subalterna. Trata-se de um contingente que experimentou a inadaptação aos códigos e regimes de trabalho, bem como a exclusão em relação a uma sociedade hierarquizada. Não se inserindo nos postos de trabalho mais valorizados, portadores da identidade progressista da cidade (grande comércio e fábricas de alta produção, a “estrada de ferro”), esses trabalhadores ingressam nas padarias, sapatarias, pequenas fábricas, no trabalho informal e doméstico. A experiência do trabalho nesses marcos foi caracterizada pela fragmentação, instabilidade e períodos de grande precariedade material e desproteção social, ou seja, por um acesso mais restrito à cidadania moderna, expressa nas promessas emancipatórias do trabalhismo e sua projeção de direitos.

Para os idosos, a experiência da vida urbana constituiu-se, todo o tempo, como experiência de luta pela sobrevivência, representada pela necessidade de fixar moradia nas periferias da cidade, a fim de organizar a vida doméstica e assim obter melhores condições para o trabalho, para ajudar os pais e posteriormente para a criação dos filhos. Para os jovens, o acesso à cidade é uma experiência socializadora, de conquista do espaço público, marcada, contudo, pelas dificuldades de acesso ao universo dos direitos postas no próprio bairro, como no caso da saúde, educação e lazer. Assim, para eles a, experiência urbana aparece desde cedo como vivência de um certo isolamento e de estigmatização relativos ao local de moradia e definidores das possibilidades de apropriação da cidade por esses sujeitos.

O TRABALHO COM OS IDOSOS

As histórias de vida

A base empírica de nosso trabalho se constitui de registros audiovisuais que produzimos acerca dos modos de vida dos velhos e suas narrativas de histórias de vida. Para a elaboração desse campo documental, trabalhamos inicialmente com 13 idosos entre 65 e 87 anos, moradores do bairro Dom Bosco. São dois homens, Sr. Francisco (68), Sr. Isaías (86), e onze mulheres: D. Tercina (87), D. Percília (77), D. Vera (81), D. Maria Aparecida (71), D. Maria da Conceição (79), D. Heloísa (70), D. Emília (86), D.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Doromar (79), D. Teresa (73) e D. Aparecida (66), D. Maria da Graça (65).

Um dado importante registrado nos discursos de todos os idosos é a recuperação da história pessoal como parte da história familiar. É possível compreender, por meio dessa narrativa, que, em sua maioria, esses idosos estão inseridos em grupos de parentesco radicados há vários anos no bairro. Para alguns, ali viveram seus antepassados e vivem alguns de seus descendentes, constituindo uma parentela extensa fixada no mesmo espaço. Em muitos casos foram eles os responsáveis pela fixação da família de origem no bairro, trazendo pais e irmãos de outros bairros ou cidades da Zona da Mata mineira e em outros, vieram na trilha de parentes que sinalizavam novas oportunidades de trabalho e vida na cidade.

Dom Bosco? Foi quando eu conheci... Eu vim pra cá... Comecei a conhecer todo mundo e resolvi trazer a minha mãe, aí comecei a procurar casa pra trazer ela pr'aqui. Aí o lugar que eu consegui arrumar uma casa foi no Dom Bosco e chamava Serrinha. (...) Eu ganhei da Conferência São Vicente, né? Eu ganhei esse pedacinho de terra aqui. Aí eu pensei assim: gente, eu tenho um terreninho lá, não fiz nada lá. : - Vou fazer um barraco lá no Dom Bosco e mudo pra lá, pelo menos não vou pagar aluguel. (D. Percília)

Esse trecho traz uma questão muito importante nesse universo que é a relação dos idosos com o território do bairro e com o espaço da casa. A geração dos entrevistados consolidou a inserção do grupo no trabalho urbano e enfrentou os processos de exclusão territorial da cidade, vivenciando a busca pelos terrenos mais acessíveis, muitas vezes não regularizados e em locais sem infra-estrutura e serviços públicos fundamentais. D. Percília, no trecho acima, refere-se ao fato da ocupação dos lotes do bairro ter sido, em grande parte, conduzida pela ação da Ordem dos Vicentinos que recebera doações de terras de uma família, antiga proprietária de grande parte do terreno. A irregularidade e ilegalidade na ocupação dos terrenos é uma realidade que marca o bairro. Contudo, é importante destacar que todos os idosos entrevistados conseguiram se fixar nesse território, construindo as casas que hoje abrigam seus filhos e netos.

Outro dado importante na caracterização do grupo pode ser identificado nas imagens sobre a infância. A infância é mostrada como tempo roubado pelo trabalho, mas esse dado é naturalizado, pois percebido como parte de uma socialização necessária e a única possível para o pobre, processo sancionado pelos pais que são as figuras que conduzem os filhos ao mundo do trabalho, barrando a continuidade do estudo. A



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

maioria dos idosos estudou menos de quatro anos, como é o caso de D. Maria da Conceição.

Com oito anos eu já trabalhava em casa de família. Comecei cedo, não estudei. Estudei só o primeiro e segundo ano. Aí já comecei a ajudar em casa. E somos nove irmãos, eu tinha um mais velho do que eu. Os outros todos mais novos. E é assim a vida, a vida foi essa.

A lembrança de D. Tercina, lavadeira de 87, mostra que essa naturalização do trabalho era reforçada na própria escola, com o incentivo das professoras: “Vamos lá pra casa, arrumar meu banheiro, minha cozinha. E aí a gente apanhava aqueles trocadinho, vinha e dava pra mãe.” Esse trecho toca também na questão das ocupações desses idosos em sua vida produtiva. Trata-se aqui de um grupo predominantemente formado por trabalhadoras domésticas e lavadeiras. Apenas D. Emília e os senhores Isafas e Francisco exerceram outras atividades, no setor de serviços e em fábricas. As demais senhoras desempenharam tais funções durante toda a vida profissional ou boa parte dela. Algumas, como D. Tereza, nunca conseguiram um vínculo formal, contribuindo para a Previdência como trabalhadoras autônomas. Mesmo assim conseguiram se aposentar, várias por invalidez ou pela idade. Apenas D. Tercina, apesar de trabalhar há mais de 60 anos como lavadeira, não se aposentou, mas é pensionista.

Enfim, para todos, a renda como beneficiários da Previdência, em torno de um a no máximo dois salários, é, atualmente, fundamental para sobreviverem de forma independente, bem como para ajudar ou garantir a provisão de seus parentes. D. Doromar sintetiza essa posição, quando perguntada sobre quem mantinha a casa na qual ela mora com quatro netos e um filho: (E como ficou nesse tempo o sustento da casa?) “Nas costas da Dorinha! Nas costas da mãe e da avó que ajudou a criar muitos netos. Nas costas larga aqui.”

A reciprocidade como valor cultural

Um dos eixos identificados como centrais no universo pesquisado foi a constante referência, por parte dos idosos, a sua especificidade como geração legatária e transmissora do valor contido nas relações de reciprocidade entre parentes e vizinhos. A obrigação da ajuda e da reciprocidade, criando redes de parentesco e vizinhança baseadas no compromisso mútuo com a ajuda e a solidariedade aparece como um valor, um código importante para a reprodução material e simbólica do trabalhador pobre ao



longo do tempo. Uma tônica das narrativas é a apresentação desse código como um critério de sociabilidade compartilhado com as gerações mais antigas e que é ou ainda deveria ser válido para esse grupo, ou seja, os velhos reivindicam a autoridade desse critério para avaliarem as relações e processos de mudanças existentes no presente, denunciando as mudanças que impedem as gerações de se comunicarem, sobretudo a elevação das expectativas materiais das novas gerações e a quebra das hierarquias¹. Essa dimensão dos relatos é a mais expressiva da compreensão dos narradores acerca de sua inserção, enquanto uma geração específica, numa temporalidade mais ampla. Na linguagem narrativa, é na constante oposição entre presente-passado, jovens e velhos, que esse aspecto aparece.

O bairro como espaço de sociabilidade e trocas solidárias

Dona Tercina, lavadeira de 87 anos, ainda em atividade, mostra como essa percepção é construída por meio de vivências socializadoras concretizadas no próprio corpo em sua relação com o espaço.

já amassei muito barro no trilho aí... Depois, com muito custo, eles puseram luz na rua. Aquela lampadazinha pequenininha que só clareava no lugar onde que tava o poste e pra frente tava escuro. Mesmo assim a gente passava, mas, às vezes a gente saía do serviço e passava. Mais perto é pela estrada, e sempre tinha um (não importa se é mulher, se é homem). - Você vai subir? - Então vamos junto. Então a gente sempre tinha uma pessoa que vinha e era assim. Tinha hora que a gente tirava o sapato e vinha com o pé no barro mesmo pra não estragar o sapato.

É interessante notar como a dificuldade vivenciada pela falta de estrutura do bairro é revestida pela experiência da solidariedade entre os que compartilhavam a mesma situação o que é apresentado nitidamente como algo que distinguia as pessoas de um tempo, da geração “dos antigos”: “foi assim que aqui, todo mundo, quem mora aqui há vários anos, todo mundo fez isso.”

D. Tercina, uma das entrevistadas mais velhas, é também uma das que mais nos oferece imagens sobre o bairro como um espaço de solidariedade e de lazer. Ela lembra dos “bailes de família”, improvisados na rua, ao som da sanfona. Doromar também tem

1 A noção de geração social nos remete a um dos traços centrais da sociabilidade moderna: o ritmo acelerado das mudanças, a existência de uma dinâmica social intensa e a necessidade de transmissão de uma herança cultural no seio de um movimento constante de aparecimento e desaparecimento de novos grupos de idade ao mesmo tempo que de saída de participantes anteriores do processo de cultura. Trata-se aí do principal aspecto trabalhado por autores como MANNHEIM (1990) e THOMPSON (1998), que sublinham tanto a importância da geração na constituição de uma memória coletiva quanto dessa última como herança social importante na avaliação de situações presentes.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

muitas lembranças do “tempo alegre” do bairro, sobretudo das histórias da Unidos Da serra, escola de Samba fundada por seu marido. Essas lembranças, que destacam a solidariedade e sociabilidade como valores coletivos, são também registros de mudanças no bairro. A perda concreta desses espaços de lazer e sociabilidade que caracterizaram a história do bairro é registrada: o bairro perdeu seu campo de futebol situado na área onde hoje existe um shopping center e a bica, que ficava na região onde funciona hoje um hospital. Essas perdas são associadas a mudanças nas relações entre as pessoas, sobretudo entre os jovens.

Ah, mudou... A gente não vê nada, não vê alegria! A gente só vê morte! Morte, briga, e droga e só vê isso! Você passa na esquina, só vê assunto de droga, você passa na outra esquina só vê assunto de que vai matar fulano, que vai brigar com ciclano, que vai fincar faca no outro, ih! É horrível! (D. Doromar)

Unia todo mundo! As poucas casa todo mundo ia! Nos bailes, nas festas juninas, nos aniversários! Aí nos aniversários um vizinho ajudava o outro ... Hoje não tem área de lazer, se a gente quiser, que faz o lazer da gente né?! Vai no parque Halfed, senta, fica conversando né?! Aqui não tem mais nada! Nada! Assim, o campo do Lasset né?! Que tinha o campo de futebol (D. Maria Aparecida)

O cotidiano como elemento da cultura

No grupo pesquisado, a reconstrução dessas referências é feita principalmente pelas mulheres entrevistadas. Essas senhoras mostram que essas redes se reproduzem num território específico, o ambiente doméstico, mostrando a importância da casa nesse sentido. Uma das atividades domésticas mais importantes é preparar a alimentação. Cozinhar é, assim, um dos elementos do cotidiano que constituem parte essencial do universo cultural dessas idosas. Esse foi um dos temas escolhidos pelo projeto para a produção de vídeos, em que as narrativas dos idosos assumem também a dimensão de ser o principal elemento da produção audiovisual, entendida esta como parte de uma ação cultural. O “ato enunciativo”, como diz Certeau (2007), se constitui em uma das maneiras utilizadas pelos sujeitos no processo criativo. Assim, as falas das idosas compõem uma teia de cultura, que é preciso estar atento para se perceber. Raymond Williams assinala: “as ordens sociais e as ordens culturais devem ser encaradas como se fazendo ativa e continuamente, ou podem muito rapidamente desmoronar” (1992, p. 198). Fazer ver tais ordens é contribuir para que não sejam relegadas a um plano marginal.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Buscamos, nessa perspectiva, desenvolver produtos audiovisuais que dessem espaço à manifestação – e também publicidade, com apresentações nos bairros e outros locais da cidade – daquelas perspectivas culturais manifestas pelos idosos com os quais passávamos a conviver. Tal produção audiovisual busca desenvolver ações pautadas pela perspectiva de cidadania cultural e comunicativa, conforme discutido anteriormente.

Cultura popular: os vídeos sobre culinária

A produção de vídeos dois vídeos sobre culinária com antigas moradoras do bairro Dom Bosco mostrou um pouco desse universo do seu cotidiano e da sua cultura. Produzidos nos meses de agosto e setembro de 2009, os vídeos são curtos (entre seis e sete minutos) e apresentam receitas escolhidas e preparadas por integrantes de uma oficina de mídias desenvolvida com idosos da região, realizada no Grupo Espírita Semente. Foram apresentados em duas ocasiões, no bairro.

O objetivo dos vídeos era mostrar a importância que o hábito de cozinhar possui na rotina e na história dessas idosas, como a culinária faz parte da maneira de ser, agir e de se relacionar com o entorno social e com as situações cotidianas dessas pessoas. Outra intenção era a de apresentar aos idosos a noção de que eles podem se relacionar com as mídias não apenas como consumidores de informação, mas também como produtores. Nos vídeos é perceptível como a alimentação e a cozinha incorpora valores, hábitos e sensações à vida dessas moradoras – integrando elementos de identidade e influenciando comportamentos.

Gravado na cozinha do Grupo Espírita Semente, o primeiro vídeo traz a receita do bolo “peteleco”. A sugestão de mostrar como preparar essa sobremesa foi feita por D. Aparecida (Cida) em uma das oficinas de mídias para idosos. O projeto “Comunicação, Memória e Ação Cultural” financiou os ingredientes, aventais e luvas (os dois últimos, exigências do Grupo Semente para que pudesse ser utilizada a cozinha da entidade). Quem também participou dessa atividade de culinária foi D. Maria da Graça (Graça).

Por ter sido gravado na entidade, este vídeo foi muito influenciado pelo distanciamento de quem fazia a receita em relação ao seu entorno. Por ser uma cozinha



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

institucionalizada, as pessoas não se sentiram muito à vontade. Este contexto – de desconforto e formalidade – foi reforçado por regras de conduta que não condiziam com os costumes das idosas envolvidas. O principal problema foi a obrigatoriedade do uso de toucas, luvas e aventais. D. Cida reclamou bastante. “Em casa é melhor. Bota uma roupa qualquer, fica toda à vontade, aquele cabelo que parece que quer voar, que vai pedir misericórdia”.

Pode-se perceber que a atividade de culinária foi uma oportunidade encontrada por D. Cida para se valorizar como cozinheira capaz de fazer qualquer comida e que não precisa de receita para cozinhar bem. O seu repertório de receitas, o aprendizado e o contato com a cozinha estão intimamente ligados ao seu universo laboral – o que caracteriza a história de boa parte das moradoras mais antigas do D. Bosco. “Eu trabalhava na casa dos outros, aí as mulheres estavam fazendo comida e eu ia olhar elas fazer”. Ela se orgulha de ser uma cozinheira formada pela experiência, e não em cursos técnicos. Para D. Aparecida, a culinária é uma questão de sobrevivência e por isso é preciso saber improvisar e ser criativo. “Na cozinha todo mundo tem que comer, então você tem que aprender alguma coisa senão você se ‘lasca’”.

Já o segundo vídeo foi gravado na casa da D. Maria da Graça. Após a confecção do bolo peteleco, ela sugeriu e se dispôs a fazer um pé-de-moleque. Como na receita anterior, o projeto comprou os ingredientes; mas desta vez quem participou da atividade ajudando na cozinha foi a D. Heloísa – uma vizinha – e de netos, que também aparecem nas gravações, acompanhando a confecção do doce e, depois, comendo.

Não houve constrangimento nem da parte de quem fazia a receita, nem de quem assistia e gravava. D. Maria da Graça não se inibiu ao falar diante das câmeras, nem ao contar passagens da vida dela. O fato de a receita ter sido gravada na própria casa nos aproximou da realidade em que esta senhora vive e conferiu naturalidade aos depoimentos e à atividade. Pode-se ver como é a casa, a cozinha, quais são as dificuldades, as carências e algumas particularidades – como louças e móveis.

Ao contrário da D. Aparecida, que ressaltou suas qualidades como cozinheira, Maria da Graça, bastante saudosista, preferiu lembrar e descrever o quão prazerosa e divertida era, em outros tempos, a sua relação com a cozinha – mesmo no trabalho. “O



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

que eu gostava era da cantoria. A gente parava dez e quinze da manhã, tinha um lanche. Podia tomar leite com bolo, café com leite. A gente vinha lá da lavanderia e parava pra ter o lanche”. Ela contou também como o trabalho era importante para a economia doméstica. “Sinto falta do fim de semana, porque eles não pagavam hora extra, mas eles davam pra gente dois litros de leite, a gente ganhava verdura”.

Como aconteceu com D. Aparecida, a escolha de D. Graça não segue diretamente uma tradição, mas relaciona-se com a história e a rotina dela, que aprendeu a receita no Globo Rural, um programa com a temática da roça, que remete ao passado de muitos moradores que pertencem às gerações mais velhas do bairro - e após a missa do Padre Marcelo Rossi na televisão, aspecto que reflete a religiosidade, também presente na rotina de muitas idosas do bairro. D. Graça, no vídeo, da mesma forma como no trabalho anterior, lembrou de como começou a cozinhar no serviço. “Comecei a trabalhar com onze anos de idade na casa dos outros. Comecei a ser babá. Aí, de babá, eles começaram a pedir pra adiantar o almoço. Aí quando eu via já tava com a comida pronta”.

Os vídeos produzidos nos revelaram semelhanças, como o fato de serem receitas baratas, adequadas ao baixo poder aquisitivo de grande parte dos moradores do bairro. Apesar de idosas, elas não se preocuparam em fazer receitas de pratos usualmente chamados de saudáveis – com poucas calorias, gorduras ou algo semelhante. Para elas, a alimentação e a culinária se relacionam essencialmente com o prazer, com a simplicidade e se remetem ao seu saber-fazer adquirido em rotinas de trabalho, com pouca ou nenhuma orientação organizada, como cursos de culinária ou ensinamentos especiais. Que são substituídos, para essas idosas, por sua experiência vivida.

A OFICINA DE FOTOGRAFIA COM AS JOVENS

Além das atividades com os idosos, o projeto desenvolveu a produção de fotografias e vídeos entre jovens do bairro. A partir da parceria com o Semente, formou-se um grupo de oito jovens, de 13 a 16 anos: Andreska, Karolayne, Eliziane, Angélica, Evelyn, Regiane, Geisilane e Graziela. Duas delas participaram apenas de metade das atividades, porque conseguiram trabalho ou cursos profissionalizantes.

Ao total foram 14 encontros, entre março e junho de 2009. Inicialmente se explicou e praticou o funcionamento básico de máquinas fotográficas digitais, a edição



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de fotos em programas de computador, a realização de vídeo com tais máquinas, a edição de vídeo em computadores, inclusive a realização de vídeo a partir de fotografias.

A realização de fotografias pelas jovens foi feita com a preocupação de captar a realidade do bairro e dos moradores a partir do olhar das adolescentes, e para isso alguns temas foram escolhidos, em discussões prévias com as meninas, para a realização de saídas no bairro para compor as fotos, enfatizando o próprio entorno (a instituição, a rua, o bairro, a escola, os moradores), relações e emoções (afetividade, maternidade), comportamento (moda).

O aprendizado do uso das máquina foi fácil, mas muitas vezes os temas discutidos com as jovens eram abandonados por elas, que compunham permanentemente fotos autocentradas. Todas, ou quase todas, possuíam perfil no orkut e costumavam postar fotos nesse site de relacionamento. Durante a oficina, percebeu-se que elas tendiam a fazer fotos com teor narcisista, e especialmente de cunho erótico, mais ou menos aparente. Há muitas fotos com destaque às pernas, aos seios, à bunda, à boca e à língua. Igualmente fotos delas junto a carros e motos estacionados nas ruas. Este comportamento demonstra, a nosso ver, uma busca por autoafirmação, seja como menina-mulher sexualmente atraente – admirada, desejada e disputada –, seja, por outro lado, através do fetiche pela mercadoria (carro, moto). Isto se apresenta nítido nas fotografias delas diante de produtos de elevado valor financeiro e que não condizem com a realidade cotidiana e nem com o poder aquisitivo da família destas garotas.

Mas também realizaram fotos de mulheres, amigos, crianças, rapazes, situações de afetividade, de falta de infra-estrutura do bairro. As jovens possuem e demonstraram forte sentimento de pertencimento ao bairro e à comunidade e, mesmo que sem expressar isso nas conversas, valorizaram e destacaram – nas imagens – lugares e pontos específicos do Dom Bosco. Assim, foram fotografadas casas, moradores, jovens, crianças, velhos, paisagens, ruas, problemas urbanos – como lixo e transporte público – enfim, aquilo que as garotas veem diariamente e que faz parte do cotidiano do bairro.

A autoafirmação e a tendência narcísica das jovens pode ser associada a duas questões: em primeiro lugar, à própria adolescência, à formação de personalidade, à configuração de gostos muito fortes nesse momento de vida; ao mesmo tempo, contudo, os elementos da tecnocultura aos quais se refere Muniz Sodré parecem ali se manifestar



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

com extrema intensidade, em especial o que o autor denomina *tecnonarcisismo*, a apropriação midiática do narcisismo em que a identidade se dilui, ou se desfaz em detrimento de uma construção imagética de outro-de-si no espelho.

a publicidade, na televisão (...), importam mais como base identitária a performance das mensagens e os posicionamento estético dos sujeitos-receptores do que definições de natureza conceitual.(SODRÉ, 2002, p.190).

As jovens parecem manifestar essa auto-referência narcísica na elaboração das fotos, a todo momento. Dificilmente se obtinha a expressão de um conceito, de uma abstração (um comentário, uma opinião, uma ideia...) a partir da imagem: é como se a imagem bastasse a si mesma, e não tivesse nenhum significado que a transcendesse. O interesse em compor fotos de si mesmas mostrou-se em certa medida ser decorrente da possibilidade de postá-las posteriormente no orkut. A visibilidade – e o tipo de visibilidade – proporcionada em grande medida por esse site de relacionamentos parece conduzir a forma de compor as fotos, de si e dos outros.

A superação dessa dimensão narcísica se deu na medida em que a oficina parece ter conseguido sensibilizar, ou fazer despertar sua sensibilidade, para o entorno das jovens, para outras dimensões de relacionamento humano presentes também no seu cotidiano. Verificou-se também a presença da valorização do bairro, de seus moradores, da denúncia das condições precárias em que elas mesmas vivem – implicando a sua aceitação mas também a sua recusa.

Entendemos que o comportamento e os valores expressos pelas jovens e suas fotografias são mostra de uma cultura popular. Esta, afinal, assinala Marilena Chauí, não se caracteriza necessariamente nem pelo seu caráter contestador, nem de aceitação de valores hegemônicos. Talvez – ao menos o que nos pareceu na análise dessa oficina – os dois aspectos ao mesmo tempo. De forma contraditória, dialética.

Na medida em que forneceu equipamento e outros elementos para que as jovens produzissem fotografias e vídeos, com temas que tiveram participação ou mesmo foram definidos exclusivamente por elas próprias, entendemos que a experiência se constituiu também em prática de cidadania cultural e comunicativa, que representou uma possibilidade de expressão daquele grupo de jovens, como forma de comunicação, de produção e troca de experiências marcadas pelo exercício do direito à cultura.

Referências bibliográficas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CHAUÍ, M. "Cultura do povo e autoritarismo das elites". Em VALLE, E., e QUEIROZ, J.J. (orgs.). **A cultura do povo**. São Paulo : Cortez e Moraes, 1979.

CHAUÍ, M. **Cidadania cultural**. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2006.

GUEDES, S. L. Redes de parentesco e consideração entre trabalhadores urbanos: tecendo relações a partir dos quintais. **Caderno CRH**, nº 29, Salvador, jul.-dez. 1998.

MANNHEIM, Karl. Sociologia do conhecimento. II volume. Porto : RÉ S Editora, s/d.

MATA, M. C. Comunicación y ciudadanía: problemas teórico-políticos de su articulación. In: **Fronteiras** - estudos midiáticos. S. Leopoldo, v. 8, n. 1, p. 5-15, jan.-abr. 2006.

_____, M. C. Comunicación, ciudadanía y poder: pistas para pensar su articulación. In: **Diálogos de la comunicación**. n. 64, 2001. p. 65-76. Disponível em: <<http://www.comminit.com/en/node/149879/348>>. Acesso em: 23 mai. 2006.

MANNHEIM, K. **Sociologia do Conhecimento**. Porto : Rés-Editora, s/d.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis : Vozes, 2002.

_____, M. **Reinventando a cultura**. A comunicação e seus produtos. Petrópolis : Vozes, 1996.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.